

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO**  
*ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO*

**Cel Inf RICARDO LUIZ DA CUNHA RABELO**

**A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO SEGUNDO A  
TEORIA DAS QUATRO ONDAS DO TERRORISMO  
MODERNO**



Rio de Janeiro

2017

# **A Evolução do Terrorismo Segundo a Teoria das Quatro Ondas do Terrorismo Moderno**

O presente ensaio constitui publicação do Observatório Militar da Praia Vermelha, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, de natureza acadêmica e sem fins lucrativos, baseada na política de acesso livre à informação. O conteúdo do presente trabalho expressa as opiniões do autor, sem, contudo, definir o posicionamento oficial deste Estabelecimento de Ensino, ou do Exército Brasileiro.

Rio de Janeiro

2018

## **A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO SEGUNDO A TEORIA DAS QUATRO ONDAS DO TERRORISMO MODERNO**

Cel Inf Ricardo Luiz da Cunha Rabelo

### **INTRODUÇÃO**

Ao estudar-se o fenômeno terrorismo, é importante compreender o seu significado, a fim de identificar a sua manifestação sem qualquer influência de ordem ideológica, religiosa, étnica, assim como de quaisquer outras condicionantes que possam afetar a imparcialidade de quem o analisa, afastando-o do objeto em estudo. Foi exatamente esse o objetivo do documento submetido anteriormente ao Observatório Militar da Praia Vermelha, o qual abordava a definição de terrorismo, admitindo-se, ainda, tratar-se de fenômeno social complexo e, portanto, sujeito a um subjetivismo residual em função da interpretação das características básicas do terrorismo, designadas “sine-qua-non”<sup>1</sup>: o uso, ou ameaça do uso de violência; alvos civis; e objetivo político.

O próximo passo que se deve dar no estudo do terrorismo é justamente conhecer a evolução da forma como tem ocorrido ao longo do tempo. Trata-se de analisar suas motivações, as táticas, técnicas e procedimentos envolvidos na preparação e execução desses atos, bem como compreender como o fenômeno tem se adaptado às mudanças impostas nos cenários político e social, tanto regionais, como globais, condicionando a consecução dos objetivos políticos pretendidos pelas organizações terroristas.

A premissa adotada, para efeito deste estudo, é de que o terrorismo tem evoluído ao longo do tempo. Tal constatação baseia-se na observação da manifestação do terrorismo ao longo da história, que, de forma incontestável, tornou-se mais violento; incorporou novas formas de financiamento; as organizações perpetradoras aprenderam com os erros e acertos de outras; desenvolveram-se novos modelos de organizações; houve exploração sistemática das novas tecnologias de comunicações; adquiriu-se capacidade de atuar em escala global,

---

<sup>1</sup> Santa Barba, P. E. Violência, Alvos Civis e Mensagem Política: Três Condições Sine Qua Non para o Terrorismo. Observatório Militar da Praia Vermelha, 2017.

além de passar-se a empregar o terrorismo não só como uma tática, mas proeminentemente como estratégia. (Jenkins, 2006)

Dessa forma, reconhecer que o terrorismo está em constante mudança e compreender a dinâmica dessa evolução permite produzir análises prospectivas que, longe de serem “profecias”, podem ajudar, de forma holística, na definição de cenários, avaliação de riscos e adoção de medidas realistas que os mitiguem ou eliminem.

Há diferentes formas de abordagem em relação à evolução do terrorismo. Sem a intenção de aprofundar o assunto, mas visando a apresentar a linha de raciocínio de um dos estudiosos sobre o tema, verifica-se que Bruce Hoffman registrou em seu livro, *Inside Terrorism*<sup>2</sup>, o seu entendimento acerca do desenvolvimento desse fenômeno ao longo do tempo, sempre com base em fatos e eventos históricos. Ele descreveu o início do terrorismo contemporâneo a partir da Revolução Francesa, com o estabelecimento do “Regime do Terror”<sup>3</sup>, caracterizado pela eliminação sumária de eventuais opositores políticos com o propósito “educativo” e “defensivo” em relação à temida reação absolutista e o consequente fim dos ideais revolucionários. Em seguida, abordou o surgimento, no século XIX, do movimento constitucionalista, inicialmente na Rússia<sup>4</sup> e, posteriormente, de cunho anarquista, com a criação da Internacional Anarquista<sup>5</sup>, que, englobando a Europa e América do Norte, executava suas ações contra alvos selecionados que representassem a contestada autoridade governamental.

A evolução do fenômeno, segundo Hoffman, levou à criação da Irmandade Feniana, na Irlanda, ainda no século XIX, de cunho nacionalista-separatista, que reconheceu a importância do uso da imprensa na disseminação de sua mensagem<sup>6</sup> e incrementou o uso de explosivos em suas ações, abandonando a preocupação em não alvejar inocentes, ou de escolher as vítimas que melhor representassem a mensagem pretendida. Foi o início de ações indiscriminadas contra a população a

---

<sup>2</sup> Hoffman, Bruce. *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2006.

<sup>3</sup> *Régime de la Terreur* de 1793

<sup>4</sup> Narodnaya Volya, às vezes traduzido como People’s Will, ou People’s Freedom. Culminou com o assassinato do Czar Alexander II, em 1º de março de 1881.

<sup>5</sup> Hoffman, 2006. P.7. Foi responsável dentre outros, pelo assassinato do Presidente dos Estados Unidos, William McKinley, em 1901.

<sup>6</sup> Mais tarde conhecido como Clan na Gael (União Irlandesa), associou-se a Patrick Ford, o editor do jornal *Irish World*, que se transformou no principal veículo de propaganda e incitamento da organização.

partir da utilização de explosivos contra o metrô de Londres e as principais estações ferroviárias<sup>7</sup>. A tendência das ações de cunho nacionalista-separatista perpetuou-se durante o século XX, passando pelo período da I Guerra Mundial, pelo período entre guerras e pela II Guerra Mundial.

Durante o período entre guerras, Hoffman aponta o surgimento do terrorismo conduzido pelo Estado, a partir de regimes totalitários e seus ditadores contra seus próprios cidadãos, especificamente pela Itália Facista, a Alemanha Nazista e a Rússia Stalinista. (Hoffman, 2006. P.14)

Após o término da II Guerra Mundial, houve, segundo o mesmo autor, o surgimento de diversos grupos terroristas, de cunhos nacionalista, liberacionista e revolucionário, contra o domínio estrangeiro em seus territórios. Foi o caso da Palestina e da Argélia, por exemplo. Ao mesmo tempo, a bipolaridade e a Guerra Fria, contribuiu para o surgimento de outras organizações terroristas alinhadas ou patrocinadas pelo Movimento Comunista Internacional (liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), de acordo com o estudo conduzido por Claire Sterling, apresentado em seu livro *The Terror Network*. (Hoffman, 2006. p. 16-17) Como exemplos destes grupos, pode-se citar o *Baader-Meinhof* (Alemanha), a Brigada Vermelha (Itália) e a Ação Direta (França).

No período de 1960 a 1980, as citadas organizações empreenderam o uso recorrente de explosivos em seus atentados, bem como se especializaram nas ações de sequestro, com a manutenção de reféns. Foi nesse período que os Estados patrocinadores do terrorismo entraram em cena, substituindo a teoria da conspiração comunista. Este foi o caso do Iran, do Iraque e da Líbia. (Hoffman, 2006. P.17)

A partir de 1980, a inserção do tema religioso em meio às organizações terroristas fez surgir as ações com uso extensivo de explosivos e o terrorismo suicida, com grande número de vítimas. Ainda nos anos de 1990, o terrorismo passou a associar-se a traficantes de drogas, tendo sido cunhando um novo termo: o “narcoterrorismo”, flagelo, sobretudo, de alguns países da América Latina, notadamente a Colômbia e o Peru, como também, mais tarde, o México.

---

<sup>7</sup> Sua campanha de terrorismo urbano espalhou-se por Londres a Liverpool e Glasgow. O domínio do uso de explosivos com o acionamento retardado permitiu o desenvolvimento sustentável de uma campanha, pois permitia tempo suficiente para o afastamento do terrorista do local da explosão.

Ainda nessa mesma década, as organizações passaram a estabelecer ligações e associações, com o fim de disseminarem as técnicas consideradas mais exitosas e aprenderem umas com os êxitos e erros das outras.

No fim do século passado e início do presente século, o radicalismo religioso deu nova face ao terrorismo, revolucionando a sua organização, o recrutamento, a disseminação de sua mensagem e adquirindo capacidade de atuar em escala internacional, com ações de planejamento e execução complexos, fazendo largo emprego da imprensa e dos meios de Tecnologia da Informação. São exemplos clássicos dessa época, a Al-Qaeda e o autoproclamado Estado Islâmico do Iraque e Síria, este último com atuação destacada somente após o fechamento da edição do livro *Inside Terrorism*.

Outra forma de analisar a evolução do terrorismo foi apresentada por David C. Rapoport, por meio de sua teoria baseada na evolução a partir da constituição de ondas terroristas. Sua teoria, publicada sob o título "*The Four Waves of Modern Terrorism*"<sup>8</sup> (As Quatro Ondas do Terrorismo Moderno), é apontada como um dos mais influentes estudos sobre terrorismo na atualidade, por renomados pesquisadores, tanto por parte daqueles que compartilham do mesmo ponto de vista, como Jeffrey Kaplan<sup>9</sup>, bem como por pesquisadores que divergem das suas ideias, como Tom Parker e Nick Sitter<sup>10</sup>.

Tendo em vista a amplitude da influência exercida, como também, por tratar-se de visão inovadora e de abordagem didática, este trabalho analisará a evolução do terrorismo, por meio do estudo de Rapoport, a fim de identificar, em cada uma

---

<sup>8</sup> Rapoport, David C. "*The Four Waves of Modern Terrorism*". In: *Attacking terrorism: Elements of a grand strategy*, por A. K. Cronin & J. M. Ludes (Eds.), 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.

<sup>9</sup> Dr. Jeffrey Kaplan é Professor associado da *University of Wisconsin Oshkosh* e o Diretor do *UW Oshkosh Institute for the Study of Religion, Violence and Memory*. Ele é membro do Comitê Editorial de dois grandes jornais científicos: *Terrorism and Political Violence*, para o qual ocupa a função de editor de revisão das publicações, e *Nova Religio*. Para maiores informações, veja "*Waves of Political Terrorism*". In: *Oxford Research Encyclopedia of Politics*, 2016. Disponível em <https://www.tandfonline.com>, acesso em 23 de maio de 2017.

<sup>10</sup> Tom Parker é professor e pesquisador na "*Bard Globalization and International Affairs Program*", *Bard College, New York, New York*, EUA. Nick Sitter é professor e pesquisador no *Department of Law, BI Norwegian Business School*, Oslo, Noruega; bem como no *School of Public Policy, Central European University*, Budapeste, Hungria. Para maiores informações, veja "*The Four Horsemen of Terrorism: It's Not Waves, It's Strains*". In: *Terrorism and Political Violence*, Vol 28.2, p 197-216. 2016. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09546553.2015.1112277>, acesso em 12 de janeiro de 2018.

das ondas de terror, as particularidades que permitam a comparação entre elas e que caracterizem a dinâmica do processo evolutivo do fenômeno terrorismo.

Para o autor, a “onda” constitui um ciclo de atividades em um dado período, caracterizado pelas suas fases de expansão e contração. Sua característica crucial é o caráter internacional; isto é, atividades semelhantes que ocorrem em vários países, dirigidas por uma energia comum predominante que formata as características dos grupos participantes e suas relações mútuas. (Rapoport, 2004. p.47).

Segundo aquele pesquisador, a duração de uma onda depende, portanto, da continuidade da energia que a formou. Quando essa energia não tem o poder de inspirar novas organizações, a onda desaparece. As três primeiras ondas duraram por volta de uma geração (aproximadamente 40 anos), segundo Rapoport, que considera um tempo sugestivo em relação ao ciclo de vida humano, em que “os sonhos que inspiram os pais perdem o poder de atração, em relação às crianças” (ibid. p.48). Ainda segundo o autor, quando uma organização transcende uma onda, isso reflete a influência de uma nova onda. É fundamental, nesse caso, a capacidade de adaptação e a flexibilidade estrutural dessa organização, fruto da habilidade em compreender o ambiente e reconhecer a necessidade de mudança, ancorando-as na cultura de suas organizações.

A conclusão do autor acerca da duração da onda baseou-se na observação de parâmetros evidenciados em eventos passados, quando as condições do ambiente (variáveis intervenientes), principalmente no que se refere ao fluxo de informações, como o restrito alcance e abrangência da mídia, em comparação com os dias atuais, dificultava a manutenção do apelo da mensagem terrorista em meio aos simpatizantes e seguidores. Por isso, a aplicação desse parâmetro na atual onda pode gerar conclusões imprecisas. É lícito inferir que a adoção de medidas que preservem a capacidade de sensibilizar os grupos alvos do recrutamento pode contribuir para a mudança desse parâmetro.

Nesse sentido, a doutrinação constante e agressiva de jovens e crianças, bem como o uso intensivo de ferramentas de tecnologia da informação (TI) para a disseminação da mensagem terrorista atuam diretamente na manutenção do apelo contido nessa mensagem e, em consequência, provocam o retardamento da contração da atual onda, estendendo-a por período superior a uma geração.

Destaque-se, entretanto, que esse fato não impede o surgimento de nova onda, pois pode ocorrer um período de recobrimento entre as ondas em expansão e em contração.

Segundo Rapoport, o terrorismo moderno iniciou-se na Rússia em 1808 e, dentro de uma década, disseminou-se na Europa Ocidental, nos Balcãs e na Ásia. Esse movimento caracterizou a primeira onda, denominada “Onda Anarquista”. A ela, seguiram-se outras três ondas, com períodos de sobreposição entre elas. A “Onda Anticolonial” iniciou-se em 1920 e durou por cerca de 40 anos. A esta seguiu-se a “Nova Onda Esquerdista”, que perdeu força no fim do século XX, deixando apenas alguns grupos ainda ativos, na entrada do século XXI, no Nepal, Espanha, Reino Unido, Peru e Colômbia. Em 1979, a “Onda Religiosa” surgiu e continua em curso nos dias atuais, tendo seu término sido previsto pelo autor, tendo em consideração os parâmetros de duração observados nas ondas anteriores, por volta de 2025. (ibid. p.47)

Cabe ressaltar que, aos olhos do autor, cada onda possui um nome que reflete sua característica dominante, mas que não é única observada em cada período. Também importa ressaltar que o autor identificou a “Revolução” como objetivo maior de cada uma das ondas, entendendo-a como o objetivo político perseguido, podendo ser materializada como a mudança de “autoridade” nacional, a mudança de regime, a mudança territorial (independência em relação a outro ente internacional/ ocupante, metrópole, ou mesmo outro Estado no qual a região se localiza), o controle social, ou a manutenção do *status quo*, diante de mudanças indesejadas.<sup>11</sup>

Assim, a legitimidade política buscada pelas três primeiras ondas situava-se no direito de um povo à autodeterminação, enquanto a quarta onda baseia o esforço de legitimar os seus atos em uma variedade de textos sagrados, os quais compelem suas organizações a estabelecerem o Islamismo como única forma de salvação, uma missão messiânica materializada pela reconstituição e expansão do Califado Islâmico.

A seguir, as quatro ondas do terrorismo moderno serão examinadas, a fim de permitir a visualização mais clara e precisa da evolução do terrorismo e atingir o

---

<sup>11</sup> Para maiores informações, ver: *Walter, Andrew H. Kydd e Barbara F. “The Strategies of Terrorism”. International Security, Vol 31, Nr 1, summer 2006, 49-80.*



objetivo deste trabalho, já descrito anteriormente. Para isso, destacar-se-ão as funções associadas à execução de um ato terrorista, aqui consideradas como sendo: a motivação dos eventos que caracterizaram a onda; o processo de recrutamento (onde pode ser observado); as formas de financiamento (quando constantes do estudo); a característica dos alvos; as técnicas, táticas e procedimentos (TTP) empregados; a formalização de doutrina; e a exploração da propaganda (uso da mídia).

### **A PRIMEIRA ONDA DO TERRORISMO**

A primeira onda do terrorismo moderno teve motivação anarquista, originada na Rússia, no fim do século XIX. Emergiu em um período caracterizado pela transformação em termos de transporte e de comunicações. Com o advento dos correios, do rádio, dos telefones e, principalmente, dos jornais diários, os eventos ocorridos em um determinado país passaram a ser conhecidos em outras regiões em um espaço de um dia. Além disso, com o advento das redes ferroviárias e o aumento das malhas rodoviárias, bem como o aproveitamento das vias fluviais e marítimas, os rebeldes podiam viajar frequentemente e inspirar grupos rebeldes em outras regiões.

Nesse contexto, a disseminação das ideias revolucionárias tornou-se mais facilitada, alcançando grande abrangência nacional e internacional. Ao invés de utilizarem panfletos e folhetos para inspirarem a revolta, entrou em cena o conceito da “*propaganda by the deed*”, pois o ato terrorista em si seria a melhor forma de sensibilizar a audiência e espalhar o ideal revolucionário, o que representou uma nova forma de comunicação.

Segundo os revolucionários anarquistas, a sociedade moderna e suas convenções concebidas para abafar antagonismos geraram culpa e contribuíram para o surgimento de inequidades, exacerbando o individualismo pela busca de melhorias pessoais. Na visão deles, portanto, o terrorismo era visto como o meio mais efetivo e mais rápido para modificar o status quo, mantido pelos governos estabelecidos. Repetidas ações trágicas, ou catastróficas, acabariam por polarizar a sociedade e promover, de forma inevitável, a revolução anarquista.

A doutrina revolucionária anarquista foi formalizada por meio do “Catecismo Revolucionário”, escrito, principalmente, pelo russo *Sergei Nechaev*. A ideia revolucionária era levada a cabo por meio de ataques seletivos contra figuras políticas, as autoridades representantes do governo, executados, principalmente, com o uso de dinamites, as quais tinha um valor simbólico, pois não representavam as armas utilizadas por um criminoso comum, diferenciando-o como terrorista. Além disso, o manuseio e uso de dinamites impunham grande risco ao perpetrador, o que demonstrava a determinação em defender o objetivo perseguido e fazia com que fossem vistos como corajosos, não sendo raros aqueles que se feriam ou mesmo morriam na execução do atentado.

De fato a 1ª onda se caracterizou pelo orgulho dos revolucionários em se autodeclararem terroristas, como o caso de *Vera Zasulich*, que feriu um policial que teria abusado de presos políticos. Após a sua ação, Vera jogou sua arma ao chão e bradou que não era uma assassina, mas sim uma terrorista. Quando a corte absolveu-a, o veredito foi calorosamente aplaudido e festejado pela grande audiência presente. *Sergei Stepniak*<sup>12</sup>, uma influente figura do terrorismo russo, que contribuiu com a confecção do Catecismo Revolucionário, descrevia o terrorista como “nobre, terrível, irresistivelmente fascinante, unindo os dois limites da grandiosidade humana, o mártir e o herói.”<sup>13</sup> A perseguição de alvos políticos e a autoproclamação como terroristas demonstravam a identidade revolucionária com a Revolução Francesa. Dessa forma, o terrorismo era uma estratégia e não um fim.

Na Rússia, uma série de atentados culminou com o assassinato do Czar Alexandre II. Em pouco tempo, os russos estavam treinando outros grupos, inclusive alguns com objetivos diferentes. Assim, surgiram movimentos semelhantes na Polônia e na Armênia, como também nos Balcãs. Logo o movimento chegou à Índia, por meio de colônias de russos que fugiram do regime czarista. Na Europa, surgiram focos anarquistas na Irlanda, e, no continente americano, nos Estados Unidos da América (EUA). Neste último, o movimento anarquista, inspirado, sobretudo, por

---

<sup>12</sup> Sergei Stepniak, nascido em 1852, na Ucrânia, iniciou seu ativismo na Rússia, tendo participado de diversas ações terroristas, como a que vitimou Nicolai Mezentsov, chefe da Polícia Secreta da Rússia, em 04 de agosto de 1878, nas ruas de São Petersburgo. Escreveu diversos panfletos e livros sobre a doutrina revolucionária anarquista, inclusive em outras línguas, como “*Underground Russia: Revolutionary Profile and Sketches from Life*”, lançado em Londres em 1882. Depois do assassinato, Stepniak fugiu e viveu em diversos países, onde continuou a inspirar anarquistas, tendo se estabelecido em definitivo na Inglaterra, onde faleceu aos 44 anos de idade.

<sup>13</sup> Stepniak (1892, p.39-40, apud Rapoport, 2006, p. 51, tradução do autor)

imigrantes irlandeses, culminou com o assassinato do Presidente *William McKinley*, em 1901. A simultaneidade das ações em escala internacional provocou o surgimento da chamada “Era de Ouro dos Assassinatos”, quando monarcas, primeiros-ministros e presidentes foram atacados<sup>14</sup>.

O financiamento das ações advinha de roubos de bancos e da contribuição da população originada com a diáspora de diversos núcleos populacionais, como ocorreu com os irlandeses residentes nos EUA, que cooperavam com os esforços de patriotas a partir do território norteamericano.

Como principal consequência da primeira onda, os Estados envolvidos nos ataques demandaram o desenvolvimento de seus estamentos policiais para que se contrapusessem à nova ameaça, o que deu origem a ramos especialmente dedicados ao terrorismo, como o russo *Okhrana*, o *British Special Branch* e o *Federal Bureau of Investigations* (FBI), nos EUA. As novas organizações permaneceram como instituições permanentes, talvez indispensáveis à vida moderna. A tática terrorista inspirava raiva e frustração, provocando reação, por vezes, de forma exagerada, ilegal e, em alguns casos, vergonhosa. O *Okhrana* desencadeou, por exemplo, uma campanha contra os russos judeus (presentes em muitos ataques), provocando a fuga deles para o ocidente, ou para a Terra Santa. Nos EUA, o governo propôs o retorno de todos anarquistas à Europa, o que de fato ocorreu uma década mais tarde, e impediu a entrada de qualquer imigrante que se declarasse contra as estruturas governamentais.

## **A SEGUNDA ONDA DO TERRORISMO**

A segunda onda de terrorismo foi designada “anticolonialista” e desenvolveu-se a partir das condições estabelecidas pelo Tratado de Versalhes, com o término da I Guerra Mundial. O direito à autodeterminação dos povos foi um dos princípios utilizados pelos vitoriosos para acabarem com os impérios, sobretudo na Europa. Os países não europeus, integrantes dos impérios derrotados e considerados sem condições de serem declarados independentes, passaram a ser administrados por

---

<sup>14</sup> Há registros dos assassinatos do Presidente da França Marie François Sadi Carnot, em 1894, do Premiê espanhol Antonio Cánovas Del Castillo, em 1897 e da Imperatriz Austríaca Elisabeth, em 1898.

uma das potências vitoriosas, exercendo um “mandato” em nome da Liga das Nações.

Como consequência, tanto os impérios vitoriosos como os países administrados por eles viram surgir movimentos pela independência, a fim de constituírem novo Estado em função da separação, ou da retirada da força estrangeira. O Exército Republicano da Irlanda (IRA) obteve algum sucesso na década de 1920 e, após a II Guerra Mundial, vários grupos terroristas cresceram, não só na Irlanda, como também, em Israel, no Chipre e na Argélia, dentre outros. As principais diferenças do contexto pós II Guerra Mundial eram a inexistência de mandatos a serem exercidos pelos vitoriosos e a localização da maioria dos territórios demandando independência em outros continentes, fora da Europa, como foi o caso da Manchúria, da Indochina, da Líbia, dos territórios árabes ocupados pela Grã Bretanha e pela França, dentre outros.

É interessante a constatação de que a segunda onda prosperou em territórios com características políticas especiais e que, por isso, tornava mais complicada e arriscada a retirada das potências imperialistas. Assim, diante da ambiguidade britânica e impossibilidade de resolver os interesses conflitantes de judeus e árabes palestinos, surgiram e prosperaram os movimentos judeus *Lehi* e *Irgun*, que defendiam a criação do Estado de Israel por meio da partilha do território palestino, com a retirada das tropas britânicas. Outro exemplo foi o Chipre, em que a indefinida situação acerca da presença britânica, da independência da ilha, ou de sua união à Grécia, fez surgir e prosperar o EOKA (Organização Nacional da Luta Cipriota), formado por habitantes da ilha, integrantes da maioria greco-cipriota.

As ações empreendidas na segunda onda tinham motivação anticolonialista, tendo sua doutrina representada pela “Guerra de Guerrilha”, do General grego Georges Grivas, líder do EOKA. Embora a doutrina fizesse menção à utilização da guerrilha para alcançar seus objetivos, várias ações eram conduzidas contra prédios públicos, ou envolviam a morte de civis, descaracterizando-as como ações de guerrilha. A campanha era baseada em ações contra policiais, considerados os olhos do governo, e seus familiares, o que produziu, entretanto, um número menor de assassinatos do que a primeira onda. Alguns grupos chegaram a se preocupar em proporcionar o alerta antes das ações, com a intenção de poupar vidas

inocentes, como, por exemplo, o *Irgun* israelense e a Irmandade Feniana, ou União dos Irlandeses, que, mais tarde, deu origem ao IRA.

Entretanto, a substituição das polícias pelas forças armadas no enfrentamento dessas organizações fez com que ocorressem, por várias vezes, reações exageradas e insustentáveis, as quais, com o tempo, tenderam a desgastar a legitimidade daquelas forças e a fortalecer o apoio da população em nome das causas terroristas. Essa tática alimentou os grupos anticolonialistas e passou a ser adotada pelos grupos que surgiram no futuro, sendo, até os dias atuais, uma das que apresentam melhor custo-benefício para o terrorista que não tem restrição de tempo para atingir seus objetivos.

Os grupos da segunda onda perceberam que o termo terrorismo havia adquirido uma conotação negativa e, então, buscaram autodesignarem-se por outras expressões, como “*freedom fighter*”, ou guerrilheiro, estabelecendo, portanto, uma nova forma de comunicar-se com os públicos de interesse. Percebendo o peso que o correto termo designativo poderia ter na defesa de objetivos políticos, os governos passaram a cuidadosamente rotular os atos violentos como terrorismo. Enquanto isso, a mídia, no intento de não demonstrar parcialidade, por vezes utilizava, na descrição de um mesmo fato, diversos termos, como “terroristas”, “soldados”, “revolucionários”, ou “guerrilheiros”. Dessa forma, a nova forma de comunicação dos grupos acabou aprofundando a luta pelo controle da narrativa e promovendo maior confusão em relação ao significado dos termos utilizados.

O movimento anticolonialista, de forte componente nacionalista, inspirou diversos grupos, dispersos internacionalmente em função de diásporas, a colaborarem financiando as ações dos grupos da segunda onda. Por esse motivo, os roubos a bancos diminuíram como tática para arrecadação de recursos financeiros. De fato, o apoio de grupos étnicos dispersos ultrapassou o campo financeiro e exerceu pressão política para que as demandas dos revoltosos fossem ouvidas e acatadas, como pode ser constatado na pressão norte-americana sobre a Inglaterra para que esta reconhecesse a existência do Estado irlandês, bem como nas Nações Unidas para que fosse criado o Estado de Israel, ambos reforçados por influência dos grupos irlandeses e judeus residentes nos EUA.

O ingrediente nacionalista e a forte presença de grupos étnicos espalhados por diferentes partes do mundo trouxeram à cena a participação de terceiros países

interessados em proteger os interesses daqueles grupos. Nesse sentido, os gregos apoiaram o movimento cipriota para a retirada das tropas britânicas daquela ilha, em favor da maioria greco-cipriota, assim como a Turquia apoiou os anseios da minoria turco-cipriota de não se unirem à Grécia após a independência. Da mesma forma, os países árabes apoiaram a Frente de Libertação Nacional, na Argélia, que exigiam a retirada das forças francesas e a independência daquele país.

Também durante a segunda onda, as organizações supranacionais começaram a desempenhar papel de relevância no trato do terrorismo. Além da já mencionada criação, por parte da Liga das Nações, de “mandatos” imperialistas em antigas colônias de países derrotados na I Guerra Mundial, beneficiando as potências vencedoras, as Nações Unidas passaram a arbitrar e legitimar ações nesse conturbado cenário de conflitos, podendo-se citar, como exemplo, sua ação para a partilha do território palestino e criação do Estado de Israel, quando da retirada de tropas britânicas. Outra ação executada nesse mesmo sentido foi a intervenção que cessou as hostilidades entre greco-cipriotas e turco-cipriotas no Chipre. Nos fóruns conduzidos pelas Nações Unidas, era comum a defesa de interesses revolucionários que tinham participações de grupos terroristas com a designação adotada na segunda onda, os “*freedom fighters*”.

### **A TERCEIRA ONDA DO TERRORISMO**

O fato que precipitou o início da terceira onda de terrorismo, segundo Rapoport, foi a Guerra do Vietnã. As ações triunfantes dos guerrilheiros vietnamitas contra as poderosas forças armadas dos Estados Unidos motivaram a juventude ocidental a iniciarem suas campanhas contra o sistema vigente. Embora Rapoport não faça comentários a respeito, a expansão desta onda em estudo sofreu grande influência do Movimento Comunista Internacional, capitaneado pelo Partido Comunista da União Soviética, como também, pelas teorias chinesa e cubana para a tomada do poder.

Assim, em diversos países ocupados por potências europeias, ou mesmo ainda considerados colônias, surgiram movimentos nacionalistas-separatistas, com inspiração na promessa socialista de promover maior igualdade e justiça sociais, os quais, não raro, recebiam, ainda, apoio da União Soviética ou da China.

Frequentemente, o conturbado e complexo cenário interno de alguns países asiáticos e africanos ainda contavam com a existência de grupos inspirados pela ideologia capitalista, dentro do contexto da Guerra Fria, com o apoio dos Estados Unidos, no contexto da conhecida estratégia norteamericana da contenção. Esse foi o caso de países, como Angola, Moçambique e Filipinas (Novo Exército do Povo – *New People's Army*).

Além disso, em países da Europa Ocidental, que contavam com governos estabelecidos e gozavam de plena soberania, surgiram movimentos de inspiração socialista, aproveitando-se da ambiguidade desenvolvida diante da polarização ideológica em torno dos blocos dominantes durante a Guerra Fria. Esses grupos elegiam como alvos as instalações ou pessoas ligadas aos Estados Unidos, à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ou às empresas símbolos do capitalismo moderno. Também ocorreram diversas ações indiscriminadas, ocasionando a morte de considerável número de civis. Pode-se citar, como exemplos de organizações terroristas com essas características, a Facção Exército Vermelho (*Red Army Faction*), também conhecido como *Baader-Meinhof*, na Alemanha Ocidental; a Brigada Vermelha (*Red Brigades*), na Itália; o Exército Vermelho (*Red Army*), no Japão; e a Ação Direta (*Action Directe*), na França.

Da mesma forma, em vários países do chamado Terceiro Mundo, surgiram grupos de inspiração marxista-leninista, maoísta, ou foquista (cubano). Aqui, os grupos pretendiam estabelecer o regime socialista, com inspiração soviética, chinesa e cubana, como forma de solucionar os graves problemas sociais advindos da desigual distribuição de renda observada na região. A América Latina viu, então, surgir grande número de organizações, como o Sendero Luminoso e o Tupac Amaru, no Peru; os Montoneros, na Argentina; os Tupamaros, no Uruguai; as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), o Exército de Libertação Nacional (ELN) e o EPL (Exército Popular de Libertação), todos na Colômbia; e a Aliança Libertadora Nacional (ALN), o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), todos no Brasil.

Nesse mesmo período, os movimentos nacionalistas adquiriram nova face e estiveram presentes nos conflitos que caracterizaram a terceira onda, até mesmo onde a autodeterminação atuou como força primária dos grupos, como foi observado em meio aos grupos Basco, Armênio, Curdo e Irlandês.

É importante destacar que quando a Guerra do Vietnã terminou, a Organização pela Libertação da Palestina (OLP) assumiu o modelo heroico de luta para os demais grupos. A OLP ganhou força após a fragorosa derrota dos exércitos de três países árabes nos conflitos de 1967, conhecido como Guerra dos Seis Dias, e firmou-se, ao longo do tempo, com grande apoio dos países árabes e da União Soviética. O estabelecimento de campos de treinamento no Líbano foi fundamental para aumentar a sua esfera de influência, pois, com isso, promoveu o treinamento a outros grupos internacionais, conforme Mordechai Gichon havia registrado:

*Whatever doubts may have existed about cooperation between terrorist groups were laid to rest by the Israeli capture of dozens of erstwhile terrorists from all over the globe training in southern Lebanon. Captured PLO documents indicated that, between 1980 and 1981, some 2300 terrorists from twenty-eight different countries were trained at bases in Lebanon. Included in this mélange were representatives of the new "fighting communists," of Italy's Red Brigades, of West Germany's Red Army Faction and of France's Direct Action. (Mordechai Gichon, apud Miller, 1984, p.11)*

No âmbito da América Latina, o treinamento e a doutrinação eram providos diretamente pela União Soviética, pela China, ou por Cuba.

Segundo Rapoport, o doutrinador dessa onda foi o brasileiro Carlos Marighella, com o Minimanual do Guerrilheiro Urbano, que reuniu os conhecimentos necessários para a estruturação de um grupo terrorista, o perfil de preparação e atuação tática e de contra inteligência, bem como listou as características desejáveis do revolucionário. De acordo com *Claire Sterling*<sup>15</sup>, o Minimanual do Guerrilheiro Urbano foi estudado e seguido por diversos grupos terroristas atuantes na Europa e em outras partes do mundo, como o ETA, o IRA e a RAF (Baader-Meihof).

No que tange às táticas, técnicas e procedimentos empregados, a terceira onda foi a que mais diversificou e ampliou o rol de ações terroristas. A começar com o papel da mulher, que havia passado a desempenhar funções secundárias na segunda onda, e, durante a terceira onda, voltou a cumprir papel de primeira linha na liderança de organizações, como também, no planejamento e execução de atos de terrorismo.

---

<sup>15</sup> Sterling, 1982, p. 35, 159, 162 e 178.



Durante a terceira onda, as ações com maior efeito teatral passaram a ser executadas para atrair a atenção da comunidade internacional e disseminar a capacidade de atuação dos grupos terroristas. A preferência por ações desse tipo recaiam sobre os sequestros, com a assunção do controle sobre instalações, aeronaves, navios ou veículos e a manutenção de reféns. Essas ações exigiam, via de regra, o atendimento de demandas apresentadas, procurando obter a liberdade de terroristas presos, ou condicionar decisões políticas de governantes. Pode-se citar como exemplos de ações desse tipo os sequestros do Primeiro Ministro Italiano, Aldo Moro, em 1979, por integrantes da *Brigada Rossa* (Brigada Vermelha); a ocupação da Suprema Corte da Colômbia pelo M-19, com a manutenção dos magistrados como reféns; bem como o sequestro de atletas de Israel por integrantes da OLP, durante as olimpíadas de Munique. De acordo com *Sean Anderson* e *Stephen Sloan* (apud Rapoport, 2006, p.57), ocorreram setecentos sequestros (*hijacks*<sup>16</sup>) durante as três primeiras décadas da chamada terceira onda.

Enquanto isso, os sequestros, tendo como alvos as pessoas que seriam feitas reféns (*kidnappings*<sup>17</sup>), ocorreram em setenta e três países, particularmente Itália, Espanha e América Latina. Houve, de 1968 a 1982, 409 sequestros internacionais, com a manutenção de 952 reféns (Rapoport, 2006, p.57). Esta modalidade, que se iniciou somente com o objetivo de ganhar capital político, acabou se tornando uma das formas de arrecadação de alguns grupos, pois o sequestro de executivos era um meio fácil de se conseguir o pagamento de vultosas quantias como resgate.

A campanha de assassinatos, desenvolvida com maior peso na primeira onda, voltou a constituir uma das táticas empregadas para avançar a agenda terrorista durante a terceira onda. Como exemplos, pode-se apontar o assassinato do Lord Mountbatten, Almirante da Marinha Inglesa e último Vice-Rei da Índia Britânica, em atentado conduzido pelo IRA, na Irlanda, em 1979; bem como as mortes dos Primeiros Ministros Jordânico e Espanhol, respectivamente, pelo grupo palestino setembro Negro, em 1971, e pelo ETA, em 1973; além das tentativas de assassinato dos Primeiros Ministros da Inglaterra Margareth Thatcher (1984) e John

---

<sup>16</sup> Segundo o *Cambridge Dictionary Online*, o termo “hijack” refere-se à tomada, com uso de violência, de instalações, aeronaves, veículos ou navios. Para maiores informações, consultar <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/hijacking>

<sup>17</sup> De acordo com o *Cambridge Dictionary Online*, o vocábulo “kidnapping” refere-se ao sequestro de pessoas. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/kidnap>

Major (1991), ambas conduzidas pelo IRA, como também, do Rei Hussein, da Jordânia, efetuado pelo Setembro Negro em 1974.

A principal diferença entre as campanhas de assassinatos da primeira e da terceira ondas reside na motivação do ato, desde o ponto de vista da organização terrorista. Enquanto na primeira onda o assassinato mirava a autoridade representativa do governo, na terceira onda os assassinatos tinham característica punitiva. Assim, as autoridades jordanianas foram alvos porque negaram a permanência da OLP em seu país, enquanto o assassinato de Aldo Moro deu-se porque o governo se recusou a entrar em negociações para a liberação de reféns e, na Inglaterra, a tentativa de assassinato contra Thatcher ocorreu em função da morte de nove integrantes do IRA, que estavam em greve de fome por se recusarem a serem tratados como presos comuns, ao invés de receberem o status de presos políticos.

Outro traço padrão da dinâmica da terceira onda foi a crescente internacionalização do terrorismo. Em nenhuma das ondas anteriores, as organizações estabeleceram tantos contatos e cooperação. Além dos campos de treinamento da OLP em diversos países, como no Líbano, na Tunísia e na Jordânia, como também das organizações latino-americanas em Cuba, houve interações comprovadas entre o IRA e o ETA, bem como entre o IRA e as FARC. O chamado Massacre de Munique, conduzido pelo Setembro Negro, obteve cooperação da RAF em território da Alemanha Ocidental. Essa intensa interação também foi objeto de registro por Miller, 1985, p.11:

*Terrorist groups have been providing each other with mutual aid since the early 1970s. The Japanese Red Army carried out the massacre at Israel's Lod Airport in May 1972 on behalf of the Popular Front for the Liberation of Palestine. Basque separatists murdered a high-ranking member of the Franco regime with a bomb supplied by the Irish Republican Army. Members of the Popular Front for the Liberation of Turkey and scores of other terrorist groups have received training from the Popular Front for the Liberation of Palestine, who in turn have (sic) received training in the Soviet Union in what some have called "the trickle down theory of international terrorism." In fact, it was through the PFLP that the Baader-Meinhof gang developed independent ties to the Japanese Red Army.*

Nesse sentido, o financiamento das atividades terroristas manteve padrão internacional, com o já mencionado patrocínio da União Soviética, da China e de Cuba, bem como de outros países, como os árabes, em favor da OLP, como também, dos Estados Unidos, em favor de grupos que lutavam contra movimentos de inspiração comunista, como ocorreu, por exemplo, na Nicarágua e em Angola. Além disso, em menor escala, os roubos a bancos continuaram a ocorrer, ao que se somaram os sequestros para o pagamento de resgates. No fim dos anos 1980, algumas organizações passaram a recorrer ao financiamento a partir de atividades ilegais e criminosas, como o narcotráfico, uma tendência observada na América do Sul (Colômbia), que se mostrou bastante promissora financeiramente, apesar de impactar negativamente o apelo da mensagem terrorista, que de uma forma “romântica”, buscava justificar-se pela promoção do bem maior à população defendida e resolver as injustiças denunciadas pelos movimentos.

Os alvos escolhidos também refletem a característica internacional da terceira onda, inclusive com algumas organizações tendo desenvolvido mais atentados fora de seu território do que no interior dele, o que, algumas vezes, provocava efeitos negativos para os interesses da organização. A participação da OLP no sequestro de uma aeronave na Jordânia acabou por provocar a sua expulsão daquele país e, mais tarde, a Tunísia negaria o uso de seu território para o treinamento de integrantes da OLP.

A terceira onda marcou, ainda, maior participação de organizações supranacionais na condenação de atentados terroristas, iniciando esforços internacionais para banir tais atos. Uma série de decisões das Nações Unidas reconheceram como crimes as ações de sequestro, manutenção de reféns, ataques com uso de bombas, bem como o assassinato de governantes. O termo “*freedom fighter*” já não era mais largamente utilizado nos debates da ONU e, em 1997, finalmente foi aprovada a Convenção Internacional para a Supressão de Atentados Terroristas a Bomba, o qual é considerado o primeiro grande esforço internacional contra o terrorismo. Por outro lado, a ONU conferiu o status de Estado à OLP, organização que não renunciou ao terrorismo, o que confere certa ambiguidade à sua atuação no tema.

## **A QUARTA ONDA DO TERRORISMO**

A quarta onda do terrorismo tem motivação religiosa. Não é raro verificarmos que as questões étnicas e as religiosas estão conectadas em diferentes partes do globo. Embora a força que provocou a expansão de uma nova onda fosse religiosa, alguns grupos lutaram (e ainda lutam) pela secularização do estado, ou seja, pela menor ou nenhuma influência da religião sobre as decisões políticas. Por exemplo, os Budistas do Sri Lanka tentaram transformar o país, mas a resposta foi a reação dos Hindus, por meio do Tamil Tigers, que busca estabelecer um país secular, independente.

Nesta onda, a religião islâmica está no centro das principais ações verificadas no contexto terrorista. Além disso, as suas ações em escala internacional são as mais letais e que inspiram maior sensibilização na comunidade internacional, sendo que o sucesso alcançado por essas ações acabam motivando outras ações de cunho religioso. Entretanto, não podemos deixar de reconhecer a participação de outras religiões, como o atentado no metrô de Tóquio, em 1995, quando Aum Shinrikyo, um grupo que combinava temas Budistas, Cristãos e Hindus, matou 11 pessoas e feriu cerca de 3.000 com o uso de um agente químico tóxico dos nervos no metrô de Tóquio. Há outras ações em que a inspiração partiu da defesa da suposta supremacia religiosa, ou pelo menos esteve conectada ao tema religioso, como o atentado em Oklahoma, em 1995, e em Los Angeles, em 1996.

O principal fato que motivou o início da quarta onda foi a Revolução Islâmica no Irã, em 1979. Porém a esse fato, deve-se acrescentar o início do novo século no calendário islâmico naquele mesmo ano e a invasão russa ao Afeganistão.

A Revolução Islâmica inegavelmente elevou o Irã à categoria de defensor da comunidade muçumana shiita na região, contrabalançando o peso da representatividade do bloco muçumano sunita no Oriente Médio e nos países islâmicos. A revolução de 1979 deu novo ânimo aos shiitas e alçou o Irã à posição de promotor dos principais movimentos shiitas no Líbano, na Síria, em oposição aos judeus, como também, contra os regimes sunitas da Arábia Saudita e do Iraque.

Deve-se considerar a motivação adicional provocada pela expectativa de significativas mudanças em função do início de um novo século no calendário muçumano, o que colaborou para catalisar a insatisfação popular e o ocaso do

regime dos “Shá” no Irã. Além disso, a invasão do Afeganistão pela União Soviética provocou a reação de todos muçulmanos sunitas, oriundos dos diversos países da região, os quais, com ajuda norteamericana, acabaram por provocar a retirada da União Soviética em 1989.

Em consequência da derrota soviética, diversas organizações terroristas surgiram quase que simultaneamente em vários países, como o Egito, a Tunísia, a Síria, a Indonésia e as Filipinas. A derrota também incentivou o aparecimento de grupos terroristas em repúblicas que compunham a União Soviética, como a Chechênia, o Azerbaijão, o Uzbequistão e o Tadjiquistão.

Diante da complexidade religiosa verificada, a questão islâmica atraiu o centro das atenções em função da profundidade das cisões internas e do radicalismo das ações desenvolvidas. Grupos formados anteriormente, com ideias mais radicais em relação à interpretação do Alcorão ganharam força, como a Irmandade Muçumana, criada no Egito ainda nos anos de 1950 e 1960, e que é considerada a precursora da Al-Qaeda.

A principal tática empregada, considerada a grande inovação, foi o atentado suicida, com o uso de explosivos. Um deles, com um caminhão bomba, contra a base dos Fuzileiros Navais dos EUA em Beirute, em 1983, provocou a morte de 241 militares norteamericanos. Momentos depois, outro ataque em Beirute a uma base francesa levou 58 militares daquele país à morte. Os dois ataques acabaram levando à retirada dos dois países da missão de paz estabelecida pela ONU no Líbano. O sucesso desse tipo de ação inspirou outros grupos ao redor do mundo, mesmo os que não tinham motivação religiosa, como o IRA e os Tamil Tigers, ambos seculares, com a diferença de que somente o segundo utilizava o ataque suicida.

A quarta onda marcou a determinação islâmica de expandir a religião sem reconhecer fronteiras, um objetivo reconhecido na declaração de ano novo de 1980, proferida pelo líder da revolução e líder religioso do Irã, o Aiatolá Khomeini, exortando os iranianos a exportar a revolução pelo mundo, declarando que não há fronteiras para o islamismo: “Precisamos lutar para exportar nossa revolução pelo mundo...” (Kissinger 2015, p.110), o que também se encontra na constituição iraniana de 1979:

“De acordo com o versículo sagrado do Alcorão (Essa sua comunidade é uma única comunidade, Eu sou o seu Senhor, então idolatre-Me – 21:92), todos os muçumanos formam uma única nação, e o governo da República Islâmica do Irã tem o dever de formular suas políticas gerais tendo em vista o cultivo da amizade e da unidade de todos os povos muçumanos e deve lutar continuamente para estimular a unidade política, econômica e cultural do mundo islâmico.” (Kissinger 2015, p. 110)

O apoio dos EUA ao antigo regime iraniano dos “*Shá*”, que fora derrubado pela revolução muçumana de 1979, bem como a aliança e o sustento manifestado historicamente a Israel, além da tradicional relação amistosa com os países sunitas da região, como a Arábia Saudita e o próprio Iraque, este último durante a Guerra Irã-Iraque, caracterizam o envolvimento norteamericano na complexa teia de poder no Oriente Médio. Desde a perspectiva iraniana, parece lógico que os EUA fossem vistos como inimigos da revolução e, conseqüentemente, do mundo islâmico shiita. O patrocínio velado, porém inegável, por parte do Irã aos movimentos muçumanos shiitas no Líbano confirmou os Estados Unidos como alvo preferido de suas ações. Essa situação se mantém até os dias atuais, com declarações e designações que não deixam dúvidas, como, por exemplo, a designação dos EUA, por parte do Líder Religioso do Irã, como “Grande Satã”.

Diante do exposto, os EUA surgiram como principal inimigo e alvo dos atentados terroristas da quarta onda por parte dos países com predominância shiita. Além disso, a criação da organização terrorista *Al-Qaeda* canalizou e potencializou o sentimento antiamericano também nos países dominados por muçumanos sunitas. Ainda na década de 1990, atentados contra as representações diplomáticas dos EUA na África (Quênia e Tanzânia em 1998) e o primeiro atentado em solo norteamericano (*World Trade Center* em 1993) mostrariam a determinação apresentada pela *Al-Qaeda* em perseguir os seus objetivos, bem como dava mostras de que a sua capacidade de atuação estava em plena expansão, com presença extracontinental e, mais importante, com capacidade de atuar em pleno território dos EUA. O objetivo político perseguido pela *Al-Qaeda* era a expulsão das tropas dos EUA de países muçumanos e da região do Oriente Médio, com a conseqüente redução de sua capacidade de influência naquela parte do globo. O ânimo e a capacidade da *Al-Qaeda*, embora considerados de fácil compreensão por

alguns analistas, somente ficaram claros para os EUA após o ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001.

O sucesso da Al-Qaeda atraiu a afiliação de organizações menores, como o *Al-Shabab*, que já tinha obtido êxito contra os EUA na Batalha de Mogadíscio, na Somália, em 1993. Além disso, outros subgrupos foram formados, com atuação relativamente independente, como a Al-Qaeda no Magreb Islâmico (AQIM) e a Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP), os quais atuavam como um tipo de “franchise”.

Em função do atentado de 11 de setembro de 2001, a reação dos EUA, liderando a coalizão formada por diferentes países, acabou fazendo com que as ações da *Al-Qaeda* se voltassem também contra os aliados norteamericanos, motivando ataques terroristas na Europa, como os ataques desencadeados na Espanha, em 2004, e na Inglaterra, em 2005.

A *Al-Qaeda* despertou grande motivação entre os jovens árabes de todas as partes do mundo, o que favoreceu o recrutamento e o aumento de seu efetivo. A *Al-Qaeda* foi também a primeira organização a utilizar as ferramentas de tecnologia da informação (TI) para disseminar as suas ideias, como o desenvolvimento e a manutenção de páginas eletrônicas na internet e a publicação da revista *Inspire*, disponível também na internet, com informações sobre como se preparar um atentado terrorista, ou como confeccionar explosivos, multiplicando sua base de atuadores ao redor do mundo e inspirando uma grande leva de seguidores que, embora não tivessem condições de se juntarem ao esforço dispendido no Oriente Médio contra as tropas lideradas pelos EUA, poderiam conduzir ações terroristas onde vivessem, sem que compusessem um célula terrorista adormecida ou infiltrada com um fim específico, o que passou a ser chamado de “lobo solitário”.

Com isso, mesmo quando a organização começava a ter suas capacidades degradadas, limitando a atuação de suas células em outros países, os atentados continuaram ameaçando a sociedade ocidental. Esse fato demonstra grande capacidade de flexibilidade organizacional e de adaptação por parte da liderança terrorista, o que estendeu o período de expansão desta onda terrorista, tendência

alimentada ainda pelo surgimento recente do autoproclamado Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS)<sup>18</sup>.

Foi justamente o surgimento do ISIS que induziu a adoção de inovadores procedimentos e técnicas de recrutamento, agindo de forma ativa e até agressiva para alcançar os muçulmanos do mundo inteiro e, por meio da radicalização religiosa, utilizando as mídias sociais e outras ferramentas da tecnologia da informação disponíveis, com uso intensivo da rede mundial de computadores, para convencer o maior número possível de pessoas a se converter ao islamismo e, ao mesmo tempo, inspirá-los a se unirem ao ISIS, no Oriente Médio, ou agindo onde estivessem vivendo.

Aos moldes da *Al-Qaeda*, o ISIS lançou, em diversas línguas, as revistas “*Dabiq*”, *Konstantinyye* e *Rumiyah*<sup>19</sup>, com conteúdo doutrinário religioso, bem como com informações sobre todos os passos para o planejamento e execução de atentados terroristas, conclamando os muçulmanos de todo mundo que fizessem o que pudessem, onde estivessem, com os meios que dispusessem, contra os designados infiéis<sup>20</sup>.

O grande doutrinador da quarta onda, segundo Rapoport, foi Osama Bin Laden, o líder da *Al-Qaeda*, por meio do documento “*Military Studies in the Jihad Against the Tyrants*”. Entretanto, em se tratando de uma onda inspirada na motivação religiosa, todos os líderes religiosos terminam por influenciar doutrinariamente a dinâmica da onda, com base nos conceitos dogmáticos e nas

---

<sup>18</sup> ISIS é uma organização terrorista de motivação religiosa, da corrente “wahabista” do islamismo sunita. Seu objetivo é reconstruir o Califado Islâmico. Depois da morte do profeta Maomé, em 632, seus seguidores concordaram com a criação do califado, que significa sucessão em árabe, como um novo sistema de governo. A expansão do território do Islã sempre representou uma parte do papel do califado. Em seu apogeu, o Império Otomano, reunia o Oriente Médio e o norte da África.

<sup>19</sup> O nome *Dabiq* se refere a uma cidade na Síria identificada como cenário de uma profecia sobre a batalha final entre muçulmanos e cristãos. O pesquisador Will McCants, autor de “*The ISIS Apocalypse*”, comentava nas redes sociais que há outro significado na nomenclatura. A sequência das publicações -“*Dabiq*”, “*Konstantinyye*” (Constantinopla) e “*Rumiyah*” (Roma)- indicaria uma “ordem de conquista profética”. Disponível em <http://www.valor.com.br/internacional/4700705/estado-islamico-lanca-revista-e-pede-ataques-contr-civis-no-ocidente>. Acesso em 17 de abril de 2017.

<sup>20</sup> Em julho de 2014, durante o Ramadã, Abu Bakr Al Baghdadi fez um discurso conclamando os muçulmanos a se unirem ao esforço do ISIS para restabelecer o Califado. Autoproclamando-se o líder indicado sobre os muçulmanos, declarou ser uma obrigação de cada muçumano emigrar e unir-se ao Estado Islâmico. Em outro pronunciamento, também no mês do Ramadã, em 2016, Abu Mohammed al-Adnani, um assessor muito próximo do líder Al Baghdadi e seu possível sucessor conclamou os muçulmanos do mundo inteiro a conduzirem ataques, como lobos solitários, aos EUA e Europa. Disse ele: “The smallest action you do in their heartland is better and more enduring to us than what you would if you were with us. If one of you hoped to reach the Islamic State, we wish we were in your place to punish the Crusaders day and night.”



interpretações dos escritos religiosos. Da mesma forma, as revistas *Inspire* e *Dabiq* permanecem como veículos disseminadores de doutrina, tanto da ideologia, quanto do “como fazer”. Além disso, as organizações passaram a filmar os atentados suicidas e as execuções de prisioneiros, divulgando-as em vários canais de veiculação, o que aumentou exponencialmente a sensibilização da audiência global, tanto por conta da crueldade demonstrada nos atos, como pelas ameaças representadas, de forma direta ou potencial, a vários países do ocidente.

É incontestável que a quarta onda vem tirando vantagem das ferramentas disponíveis para aumentar a amplitude e o alcance da mensagem terrorista, alcançando escalas nunca antes vistas e exigindo um esforço de controle, por parte dos países decididos a combater essa ameaça, da dimensão cibernética, perfeitamente integrada às ações desenvolvidas nas outras dimensões de enfrentamento contraterrorista.

Em relação às técnicas e táticas empregadas, o ISIS explorou o apelo de seu líder para que todos os muçulmanos participassem do esforço contra os infiéis, encorajando o ataque, mesmo que isolado, utilizando não só os explosivos improvisados e as armas de fogo, mas também as armas brancas, ou qualquer outro meio para desferir ataques, como o atropelamento de pessoas. Os autores desses tipos de ataques já haviam sido designados, desde antes do surgimento do ISIS, “lobos solitários”, como já foi visto anteriormente. A novidade introduzida pelo ISIS foi a utilização de canais diversos, desde mídias sociais, internet e até conversação *online* de jogos de vídeo games, para manter contato e desenvolver a comunicação com potenciais terroristas, por meio do processo de “radicalização”, além de instruí-lo sobre as técnicas e procedimentos de preparação e execução de atentados.

Diante do grande apelo da mensagem terrorista em meio aos muçulmanos dispersos pelo mundo, houve um movimento reverso da diáspora muçulmana, caracterizado pela concentração, nas bases de treinamento do ISIS em países do Oriente Médio, de muçulmanos recrutados em diversos países ocidentais, com posterior retorno deles aos seus respectivos países de origem. Nesse contexto, os muçulmanos que se juntaram ao combate ao lado do ISIS no Oriente Médio, depois de um tempo de treinamento e de reunir experiência em combate, ao retornar aos seus países de origem, já reuniam plena capacidade de conduzir atentados terroristas em países considerados alvos.

Esses jovens, acessíveis às ferramentas de TI largamente utilizadas pelo ISIS para a disseminação de suas mensagens e sensibilização de potenciais atacantes, passaram a ser instruídos por integrantes do ISIS, que exerciam coordenação de suas ações em vários países ocidentais. Por sua vez, os organismos de inteligência dos países ocidentais passaram a acompanhar esses jovens, os quais foram designados “*foreign fighters*”. O necessário acompanhamento dos “*foreign fighters*” tornou-se um grande desafio, principalmente para os países europeus, não só por que possuem grande comunidade de muçumanos, como também devido à capacidade de se deslocarem livremente de um país a outro dentro da União Europeia.

Esta onda também apresentou ao mundo o atentado conduzido por meio de planejamento detalhado, com simultaneidade de ações complexas e sequência de ações de impacto, designadas como “*commando style operations*”<sup>21</sup>. São exemplos clássicos dessas ações os atentados de 2008 em Mumbai, e de 2015 em Paris.

Os alvos selecionados pela quarta onda incluíam, no seu início, tanto instalações militares, como alvos civis, todos caracterizando a luta contra os EUA, seus aliados ao redor do mundo e, em particular, Israel, um de seus principais aliados no Oriente Médio. No início deste século, entretanto, os alvos passaram a incluir qualquer ação conduzida no seio das sociedades ocidentais, eminentemente contra civis, de forma aleatória, principalmente em nome do ISIS. Todas as ações tinham a tendência de execução de atentados buscando o maior número possível de vítimas, cada vez com menor preocupação em caracterizar um objetivo tático de valor representativo diante da campanha estratégica terrorista. Grandes explosões, ou ações de grande vulto, como os ataques já citados nos EUA, em Madri e em Londres também caracterizam a quarta onda terrorista.

O financiamento<sup>22</sup> da quarta onda também recebeu avanços. Às extorsões, aos sequestros com pagamento de resgate, às atividades ilegais do tráfico de drogas, de órgãos, ou de pessoas, juntaram-se as operações financeiras para lavar

---

<sup>21</sup> Maiores informações, consultar: Navlakha, Gautam: *Lessons from the Mumbai Attack*, em *Economic and Political Weekly*, Vol. 44, Nr 11 (Mar. 14 - 20, 2009), pp. 13-16. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/40278605>. Acesso em junho de 2010.

<sup>22</sup> Para maiores informações, consultar a Convenção das Nações Unidas para a Supressão do Financiamento ao Terrorismo, de 1999, bem como as informações sobre os esforços internacionais, no âmbito das Nações Unidas para desenvolver ações que contribuam para evitar o financiamento de organizações terroristas. Para maiores informações, consultar: <https://www.un.org/sc/ctc/focus-areas/financing-of-terrorism/>

o montante levantado e viabilizar o fluxo desses recursos entre os centros de captação ao redor do mundo para posterior utilização. Além disso, as populações oriundas das diásporas retomaram importante papel de arrecadação em várias partes do mundo. O ISIS, durante o período que possuía capacidade de combate como tropa convencional irregular, conquistou e passou a operar diversos campos de exploração de petróleo na Síria e no Iraque, operando o mercado negro de oferta desse produto, o que lhe conferiu elevadas somas de recursos financeiros utilizadas para aprimorar sua capacidade de combate como força irregular, para investir na propaganda de suas mensagens e ações, bem como para financiar diversas ações terroristas em diversos pontos do globo.

Foi na quarta onda que se reconheceu a ameaça da convergência entre o terrorismo e diversas atividades criminosas, o que cria um círculo vicioso de alimentação simbiótica dessas atividades em função do montante de recursos investidos e de fortalecimento das organizações criminosas, em consequência do lucro obtido e da incorporação de novas táticas e procedimentos utilizados por organizações terroristas. Organizações criminosas fortalecidas, por sua vez, são capazes de gerarem mais dividendos às organizações terroristas, que também incrementam suas capacidades de atuação.

## **CONCLUSÃO**

Para o profissional militar, constitui fator primordial compreender o aspecto da continuidade dos conflitos bélicos na mesma medida em que se deve compreender a dinâmica das mudanças nas dimensões e nas fontes de poder de um Estado. Nesse sentido, há que se estender a importância do presente trabalho a todos os profissionais de segurança e das agências governamentais que possuem interesse na prevenção e no enfrentamento ao terrorismo.

Dentro do contexto evolutivo do terrorismo, verifica-se que houve avanços na quarta onda terrorista mesmo após a publicação do artigo de Rapoport, com maior velocidade de mudança nos últimos anos, em consonância com as características dos conflitos desenvolvidos na era do conhecimento.

Nesse sentido, diante de tudo que foi examinado, de acordo com a designada teoria das quatro ondas do terrorismo moderno, pode-se verificar, de forma

irrefutável, que o terrorismo é um fenômeno relativamente recente, tendo sofrido modificações que contribuíram para incrementar a letalidade de suas ações e, por conseguinte, o peso das mensagens transmitidas por meio delas. Isso torna a sociedade moderna ainda mais suscetível à manifestação terrorista e, portanto, mais vulnerável, carecendo de maior cuidado de proteção, o que justifica o dispendioso esforço preventivo e de proteção adicional, desencadeado por diferentes países, particularmente na área da inteligência, do antiterrorismo<sup>23</sup>, do contraterrorismo proativo<sup>24</sup> e da administração das consequências de um ataque terrorista.

Ao longo das ondas terroristas, verifica-se que as forças encarregadas pelo enfrentamento desta ameaça teve que se adaptar às evoluções apresentadas. A flexibilidade, a adaptabilidade e a capacidade de compreender as mudanças no ambiente são as características essenciais das equipes multidisciplinares encarregadas de combater um fenômeno em constante evolução. Atualmente, a letalidade indiscriminada e a autonomia assegurada pela horizontalidade organizacional das atuais organizações terroristas caracterizam o amplo espectro de ataques possíveis contra os quais o Estado deve se defender.

Adicionalmente, o “*modus operandis*” dos grupos terroristas, utilizando, de forma isolada, armas de fogo, armas brancas, ou mesmo o atropelamento de suas vítimas, configuram um cenário de grande imprevisibilidade e volatilidade. Por isso, duas medidas iniciais são essenciais para se contrapor ao terrorismo atual: proteger os potenciais alvos que são, por natureza, mais vulneráveis porque não possuem segurança estabelecida (*soft targets*); e capacitar todos os integrantes das forças de segurança pública a atuarem como primeiros respondedores (*first responders*) em caso de ataque terrorista.

Ao mesmo tempo, a evolução verificada, baseada em ações indiscriminadas, com elevadíssima incidência de morte em meio a civis, também provocou a

---

<sup>23</sup> Para fins deste trabalho, entende-se antiterrorismo como o conjunto de ações eminentemente defensivas, adotadas com a finalidade de reduzir a vulnerabilidade de determinadas áreas aos atos de preparação e execução de atentados terroristas. O maior objetivo é dissuadir um potencial ataque terrorista e, caso não se consiga este intento, detectar a preparação do atentado terrorista antes de sua execução.

<sup>24</sup> Também no escopo do presente trabalho, considere-se o contraterrorismo proativo como sendo o conjunto de ações prevalentemente ofensivas, desencadeadas por tropa qualificada, de forma preventiva, em oportunidade anterior ao desencadeamento de um iminente atentado terrorista que se conheceu ainda em fase de preparação. Com esse fim, é indispensável compreender que um atentado terrorista segue um rito de preparação, com passos necessários que expõem o perpetrador à detecção.

diminuição da chamada “zona cinza” que caracteriza o tema da moralidade do uso do terrorismo para se alcançar os perseguidos objetivos políticos. Hoje, está mais fácil posicionar-se contra o uso do terrorismo justamente em função das modificações verificadas nas funções básicas da preparação e da execução de ações terroristas.

Um ponto de semelhança entre as ondas terroristas examinadas é a tendência de desaparecimento da organização terrorista sempre que esta se mostra visível aos olhos dos órgãos de segurança e de defesa, ou seja, logo que age em nome de sua causa. Rapoport chega a concluir que os grupos terroristas têm vida curta, pois, ao se exporem, são combatidos. De fato, verifica-se que esta é uma tendência geral, mas há casos em que algumas organizações terroristas, mesmo sendo combatidas, continuam a existir, com viés de retração, em função da perda de capacidade de atuação e da limitação da liberdade de ação, ambos os efeitos em consequência de exitosa campanha de enfrentamento por parte das forças contraterroristas. Essa tendência indica a elevada probabilidade de que a campanha contraterrorista se estenda em um horizonte temporal longo, exigindo determinação, constância e arraigados valores morais por parte das forças legais dos Estados.

Da observação das ondas terroristas, verifica-se a crescente tendência de participação dos grupos étnicos ou religiosos espalhados em diferentes partes do globo, oriundos de processos de diáspora. Essas comunidades têm demonstrado utilidade no financiamento de grupos terroristas, bem como facilitam o acolhimento de eventuais terroristas que se desloquem por essas regiões, seja para fornecer refúgio, seja para protegê-lo da possível detecção por parte de órgãos regionais de inteligência.

Também importa ressaltar que a cooperação entre organizações terroristas alcançou o ápice durante a terceira onda, mas a quarta onda manteve essa tendência sob nova roupagem, qual seja a afiliação declarada de grupos terroristas em relação a outro com maior capacidade, atuando, por vezes originando subgrupos que atuam como uma “*franchise*”, recebendo apoio para suas atividades regionais.

Adicionalmente, a estruturação horizontalizada dos grupos terroristas da atualidade facilita a condução de ataques em diferentes partes do mundo, como também o processo ativo e agressivo de recrutamento e radicalização aumenta

exponencialmente a capacidade de atuação da organização, já que as ferramentas de TI alcançam todos os continentes.

A participação dos grupos de diáspora, a estrutura organizacional horizontalizada, a proliferação de grupos menores afiliados e o moderno processo de recrutamento conferem ao terrorismo o caráter internacional em grau máximo alcançado ao longo da história moderna. Dessa forma, é imperioso que haja cooperação entre os países afetados pelo terrorismo, bem como daqueles que possuem grandes comunidades de povos que guardam algum tipo de identidade com as organizações terroristas. Destaca-se que a interação entre os países, resultante da transparência e convergência de interesses, deve ser tal que assegure superioridade de informações e liberdade de ação para as forças-tarefas encarregadas de enfrentar essa ameaça.

Diante da dinâmica da evolução terrorista, verifica-se a necessidade de se conduzir o enfrentamento a tais organizações a partir de abordagem integral e multidisciplinar, reunindo todos os órgãos e as agências nacionais, governamentais e privadas, necessários. Isto significa que a força militar ou policial, mesmo sendo especialmente preparadas e dedicadas a este fim, não só são insuficientes, como também são incapazes de gerar os resultados esperados, sendo necessário agregar capacidades afetas aos campos de inteligência (das fontes cibernética, humana, de imagens e de sinais), além de equipes especializadas na área financeira, em direito internacional, em aspectos culturais, bem como integrantes de empresas privadas que gerenciem serviços ou locais julgados de interesse, como também de equipes especializadas em perícias forenses. Agrega-se, ainda, a eventual necessidade de reunir representantes de corpos diplomáticos à referida equipe, a fim de facilitar a interação internacional por meio de uma rede historicamente respeitada.

A partir dos exames conduzidos, verifica-se que a tendência mais perigosa do fenômeno terrorismo à soberania dos Estados Nacionais é a convergência das atividades e organizações criminosas em relação às atividades terroristas. O citado círculo vicioso, gerado a partir da relação simbiótica entre as citadas atividades ilegais, representa grave ameaça ao Brasil, já que dois de seus vizinhos são os maiores produtores mundiais de cocaína, enquanto um outro país limítrofe é um dos maiores produtores mundiais de maconha, situação que fomenta o consumo dessas drogas no Brasil, bem como a estruturação de organizações criminosas que

exploram o tráfico de drogas e desafiam o poder estatal nas maiores cidades do país. Há que se frisar, entretanto, não haver, até a presente data, qualquer dado de domínio público que demonstre qualquer interação entre as organizações criminosas atuantes no Brasil e os grupos terroristas internacionais.

Por fim, a visualização de quatro ondas terroristas acaba fazendo surgir o questionamento sobre a retração da atual onda e da expansão de uma próxima, a quinta onda. Quando dar-se-ia a citada expansão? Qual seria a motivação, ou força motriz dessa nova onda? Quais as técnicas, táticas e procedimentos que seriam agregadas à manifestação do fenômeno? São questionamentos que merecem a atenção e o acompanhamento das estruturas de enfrentamento ao terrorismo.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> O autor é Coronel do Exército Brasileiro (EB), mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em 2000, e mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em 2010. Atualmente, é aluno do Curso Internacional de Estudos Estratégicos, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Crenshaw, Martha. "The Logic of Terrorism: Terrorist Behavior as a Product of Strategic Choice." *Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies, States of Mind*, por Walter Reight. Washington, DC: Woodrow Wilson Center Press, 1998.
- Hoffman, Bruce. *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2006.
- Jenkins, Brian Michael. *Stray Dogs and Virtual Armies: Radicalization and Recruitment to Jihadist Terrorism in the United States Since 9/11*. Santa Mônica, CA: Rand Corporation, 2011.
- Jenkins, Brian Michael. "The New Age of Terrorism." Cap. 8 em *McGraw-Hill Homeland Security Book*, por McGraw-Hill, 117-130. McGraw-Hill Companies, Inc., 2006.
- Kissinger, Henry. *Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.
- Miller, Abraham H. "The Evolution of Terrorism." *Conflict Quarterly*, Fall 1985: 5-16.
- Rapoport, David C. "The Four Waves of Modern Terrorism." In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.
- Richardson, Louise. *What Terrorists Want: Understanding the Enemy, Containing the threat*. New York: Random House, 2007.
- Schimid, Alex P., e Albert J. Jongman. *Political Terrorism: A New Guide to Actors, Authors, Concepts, Data Bases, Theories, and Literature*. New York: Transaction Publishers, 1988.
- Stepniak, Sergei. "Underground Russia: Revolutionary Profiles and Sketches from Life." 1882. <https://theanarchistlibrary.org/library/sergei-stepniak-underground-russia-revolutionary-profiles-and-sketches-from-life> (acesso em 06 de janeiro de 2018).
- Sterling, Claire. *The Terror Network: The Secret War of International Terrorism*. New York: Berkley Publishing Corporation, 1982.
- Walter, Andrew H. Kydd and Barbara F. "The Strategies of Terrorism." *International Security*, Vol 31, Nr 1, Summer de 2006: 49-80.
- Woodcock, George. *The Anarchist Reader*. Glasgow: Fontana, 1977.